



O MENINO

**ROBERT, 8 ANOS, ERA AUTISTA E NÃO FALAVA. ASSIM, QUANDO
CAÇADA HUMANA DO ESTADO. OS MEMBROS DA EQUIPE DE**

E ESTAVAM



**QUE NÃO PODIA
GRITAR POR
SOCORRO**

**SUMIU NUM PARQUE DA VIRGÍNIA, PROVOCOU A MAIOR
RESGATE SABIAM QUE NÃO SERIA FÁCIL ENCONTRÁ-LO.**

CERTOS.

POR DEAN KING ● DA *Outside*

FOTOGRAFADO POR ERIKA LARSEN

UMA BOLA DE FOGO COM OLHOS AZUIS CINTILANTES, ROBERT ARTHUR WOOD JR., 8 ANOS, COM 1,35 M DE ALTURA E 32 QUILOS, DÁ TUDO DE SI QUANDO BRIGA POR UM BRINQUEDO COM O IRMÃO RYAN, UM ANO MAIS NOVO. MAS ROBERT NÃO SABE FALAR, NADAR, SENTAR-SE QUIETO PARA ASSISTIR A UM FILME NEM USAR O BANHEIRO SOZINHO. ELE SOFRE DE UMA FORMA GRAVE DE AUTISMO.

Ryan, também autista mas com uma forma mais branda, abraça e beija o irmão. Robert não é tão afetuoso. Mas, como muitas crianças com autismo, é destemido. Quando pequeno, gostava de escalar a televisão e a geladeira. E gosta de perambular também. No supermercado, Barbara Locker, mãe de Robert, ainda o põe dentro do carrinho. Se não for segurado pela mão ou pela camisa, ele pode fugir.

Foi o que aconteceu numa tarde quente de domingo, em 23 de outubro de 2011. Depois do almoço, o pai dos meninos, Robert Wood, 34 anos, e sua namorada (Robert e Barbara são separados) levaram Robert e Ryan para um passeio no North Anna Battlefield Park, uma reserva de 32 hectares no estado da Virgínia, a 15 minutos da casa dos meninos. Não era um passeio num parque comum. As matas verdes das montanhas do centro da Virgínia – onde o general nortista Grant e o general sulista Lee travaram uma batalha épica durante a Guerra de Secessão pela cidade de Richmond – são inóspitas e cheias de espinhos, com arbustos de salsaparrilha

e amora-preta capazes de rasgar a pele. Além de abrigar coiotes e linces. Nessa terra de ravinas, pântanos, mosquitos e cobras-d'água venenosas, a inospitalidade é endêmica, como logo descobriu o general nortista.

Dentro do parque, caminhos estreitos se enveredam como túneis pela floresta densa. Um aglomerado de fortificações sulistas leva a um penhasco – sem parapeito – de quase trinta metros. Lá embaixo, o Rio North Anna ressoa pelos rochedos e corredeiras de nível 3 de Falls Hole. Nada separa os outros limites do parque de uma imensa pedreira a céu aberto, com o estrondo de caminhões industriais, pás mecânicas e trens de carga, e o estouro de explosões controladas. É uma terra de fantasias para qualquer menino, autista ou não.

Por volta das duas e meia da tarde, enquanto o grupo descansava depois de um quilômetro e meio de caminhada, Robert subiu correndo uma trilha. Nenhum dos dois adultos o viram se afastar. Com camisa vermelha de manga comprida, calças e tênis

azuis, não seria muito difícil avistar Robert. Ainda assim, ele sumiu.

DALI A UMA HORA, o departamento do xerife vasculhava a área com equipes de cães. Os animais descobriram que Robert fora na direção do rio. Como muitas crianças autistas, ele é obcecado pela água. Os autistas podem ser hipersensíveis a certos estímulos, e alguns especialistas acreditam que a água os acalma. Embora não saiba nadar, Robert pensa que sabe.

Assim que fugiu, várias coisas despertaram a curiosidade do menino: rochedos para escalar, árvores para examinar, a atração de um apito de trem. Se não fosse pela profusão de serpentes venenosas, aquele seria o lugar ideal para brincar de esconde-esconde.

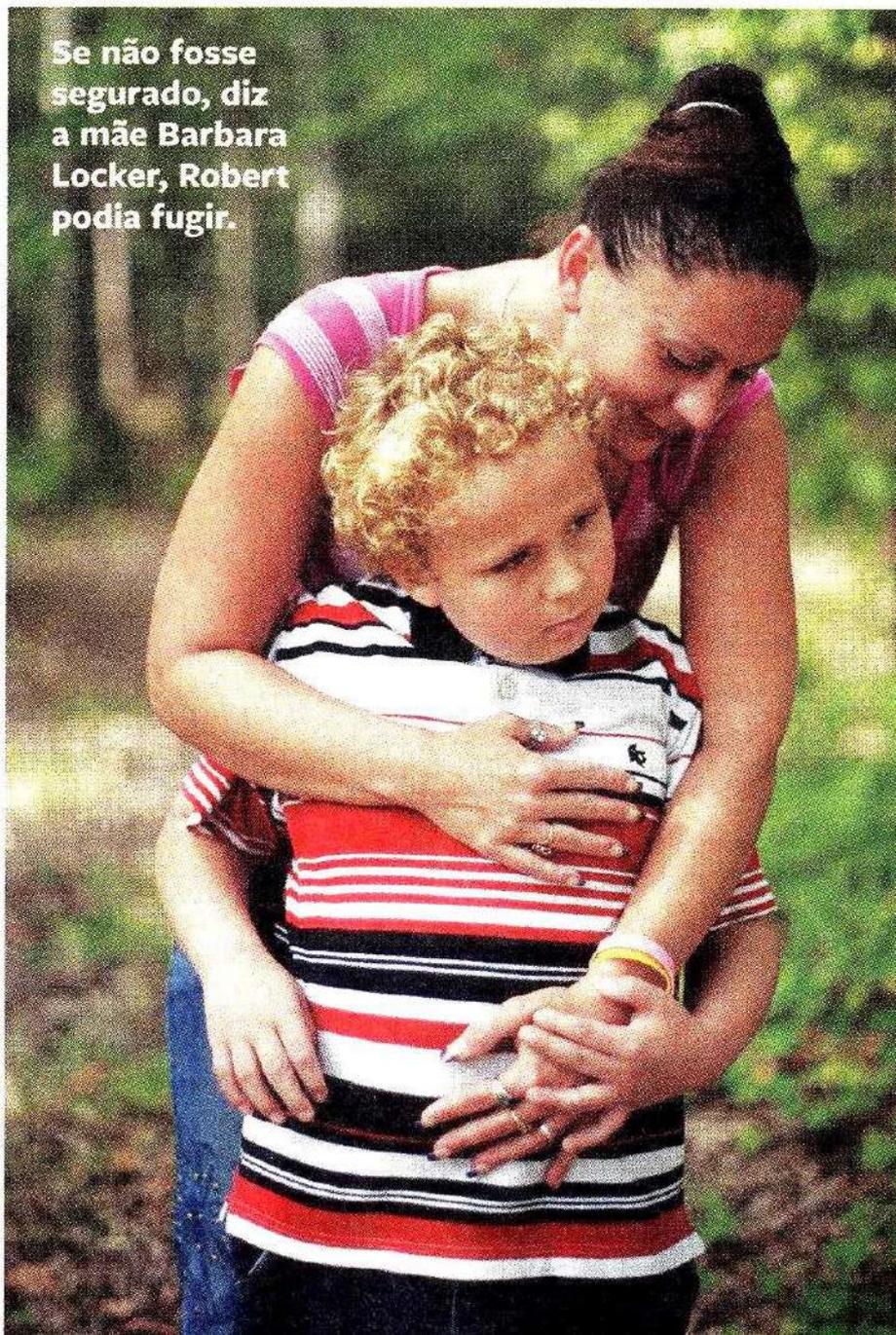
DEPOIS DOS 4 ANOS, as crianças já costumam reconhecer que estão perdidas e procuram os pais. Mas Robert é diferente. Um tornozelo torcido ou cólicas de fome não o fazem chorar. Ele não tem medo do escuro nem do bicho-papão, e não entra em pânico com o cair da noite. Em vez disso, se ouvisse gente se aproximando pela floresta poderia até se esconder, pensando que era um jogo.

Como as horas se passavam sem nenhum sinal

de Robert, as autoridades pediram ajuda aos condados vizinhos, à polícia estadual da Virgínia e a entidades de busca locais. Transmitiram uma mensagem de emergência diferente: computadores avisaram a todos os telefones fixos da área que havia um menino perdido. Os vizinhos começaram a vasculhar os quintais e terrenos próximos.

A técnica de hemodiálise Norma Jean Williams, 58 anos, avó materna de Robert, descobriu o sumiço do neto na manhã de segunda-feira, no trabalho. Uma das colegas ouvira a notícia no rádio.

**Se não fosse
segurado, diz
a mãe Barbara
Locker, Robert
podia fugir.**



Norma embarcou na picape Dodge 2003 e foi para Battlefield Park. Um subxerife a deteve na entrada. Ninguém tinha permissão de passar dali, o parque estava isolado como a cena de um crime. E como a avó, a mãe e o pai estavam emocionalmente alterados e o terreno era acidentado, as autoridades não permitiram que participassem da busca. Assim, Norma estacionou a picape perto da entrada e se recusou a ir embora enquanto o menino não fosse encontrado.

Com o passar da tarde de segunda-feira, a área ao redor da picape vermelha de Norma mais parecia um campo de batalha. Equipes de cães da polícia estadual e municipal foram mandadas para a floresta e os campos adjacentes. Equipes táticas de mergulhadores seguiram para o rio. Havia helicópteros no céu, usando câmeras infravermelhas capazes de perceber calor através de fumaça, névoa e neblina. Como as crianças autistas costumam se sentir atraídas por objetos brilhantes e alguns ruídos, caminhões de bombeiros giravam suas luzes e faziam soar a sirene, audível em dezenas de hectares, na esperança de atrair Robert.

Na manhã de terça-feira, frustrado, o xerife que comandava a busca passou o controle da operação ao especialista Billy Chrimes, do Depar-

tamento de Controle de Emergências da Virgínia. “Dadas as circunstâncias”, diz Chrimes, um homem objetivo, otimista e que adora a vida ao ar livre, “pensei que o encontraríamos na primeira noite.” Afinal, Chrimes tinha nas mãos tecnologia moderna, cães, helicópteros e milhares de especialistas em busca, até mesmo equipes equestres ou com caiaques e rapel.

AS DUAS E MEIA da tarde de terça-feira, Robert já estava sumido havia 48 horas.

Em casa, tomava medicamento para dormir no horário normal. “Ele acordaria às três da madrugada e brincaria como se estivesse no meio do dia”, diz a mãe. Isso significava que, em ambiente selvagem, teria um comportamento noturno, dormindo durante a maior parte do dia quando seria mais fácil avistá-lo em movimento.

As autoridades encontraram a primeira pista quando o treinador de cães Matt Crist, do departamento do xerife, viu pegadas num banco de areia acima do rio, a uns 800 metros de onde Robert fora visto pela última vez. Ele e Ryan usavam o mesmo tipo de tênis Nike. A pegada era do tamanho certo, mas o tênis de Ryan tinha pequenos desenhos quadrados. Aquela pegada estava marcada com linhas e sulcos. Não era igual.

CHRIMES ACREDITAVA QUE, SE NÃO TIVESSE SE AFOGADO, O MENINO ESTARIA BRINCANDO DE ESCONDER.

QUANDO SE TRATA de uma criança perdida, as comunidades se mobilizam de forma impressionante. Antes do amanhecer de quarta-feira, o centro de voluntários começou a receber inscrições. Outros vizinhos bem-intencionados vasculharam o terreno e o rio usando tudo, desde veículos que andam sobre qualquer superfície até cavalos e canoas. No total, 940 voluntários foram mobilizados naquele dia. Isso era bom e ruim, já que o excesso de tráfego destrói pegadas e contamina as áreas de cheiro que os cães farejadores são treinados para encontrar. Por outro lado, o vasto número de voluntários permitia cobrir uma área maior.

Na quarta-feira, centenas de voluntários percorreram quilômetros de floresta fechada e pantanosa, muitos espremendo garrafas plásticas vazias para fazer um ruído que Robert adorava. Eles andaram em longas linhas, vasculhando a mata e os milharais, subiram trincheiras da época da Guerra de Secessão e se esgueiraram por baixo das varandas das casas de fazenda.

Muitos voluntários também eram pais de crianças autistas. Um deles, empresário de Dallas, em vez de pegar o avião de volta depois da reunião em Richmond, comprou *jeans* e botas e se juntou aos outros.

ÀS DUAS DA TARDE de quarta-feira, o sumiço de Robert completou 72 horas. Chrimes acreditava que, se não tivesse se afogado, o menino estaria brincando de



A avó, Norma Jean Williams, à esquerda com Ryan, diz que o sofrimento mudou Robert: “Agora podemos tocá-lo.”

esconde-esconde – e era bom nisso. Como achava que Robert estava pambulando, as áreas vasculhadas só podiam ser consideradas limpas por pouco tempo.

O início da noite de quarta-feira trouxe uma centelha de esperança. O cão pastor-holandês Da Wu, do especialista em busca e resgate Scott Forbes, farejou uma pista humana. “Os cães são fantásticos. Basta apenas um deles para cobrir uma área que seria vasculhada por meia dúzia de pessoas”, diz Chrimes.

Mas o cheiro que Da Wu sentia era outro. E Forbes viu algo de que não gostou: um coiole os seguia. “O menino seria uma ótima presa para uma matilha de coiotes”, recorda Forbes. Uma ideia horrível lhe passou pela cabeça: talvez os coiotes o tivessem pegado e enterrado em algum lugar.

NA QUINTA-FEIRA, os ânimos pioraram. Por volta das 11 da manhã, uma explosão abalou o chão debaixo da picape de Norma. A pedreira retardara o máximo possível uma explosão marcada para perto de Battlefield Park. Os funcionários alegaram ter vasculhado a área duas vezes naquele dia e que precisavam realizar a detonação.

Então, por volta das oito e meia da noite, dois especialistas em busca ouviram ruídos vagamente humanos vindos da floresta. Chrimes reagiu com tudo que tinha: equipes de busca formadas por cães e homens com óculos de visão noturna e câmeras de imagens térmicas. Examinaram a área durante quatro horas e meia. À uma da

madrugada, desistiram. Se era Robert, ele sumira de novo.

Naquela noite, começou a chover e esfriou bastante. Norma teve de ligar o aquecimento da picape. Era a quarta noite que passava no Dodge apertado, com os nervos, o corpo e a força de vontade arrasados. “Perdi a esperança”, diz ela. “Amaldiçoei o Senhor. Disse-lhe que não era Deus para as crianças.”

Finalmente, na tarde de sexta-feira as autoridades deixaram o pai, a mãe e a avó entrarem no parque. Os três correram gritando “Robert” e “Bud”, apelido do menino. Não houve resposta. Encontrar Robert vivo àquela altura seria quase um milagre.

NAQUELA MANHÃ, um homem da região de Richmond disse à mulher que queria procurar o menino. No caminho, parou numa loja para comprar um casaco, luvas e gorro, e foi até o centro de cadastro de voluntários. Mas chegou tarde demais para a sessão de treinamento daquele dia e foi recusado.

Em vez de ir embora, ele se dirigiu à área de buscas, estacionou e seguiu seu instinto, que o levou a uma estrada de terra ao lado da pedreira.

A pouco mais de um quilômetro de onde Robert fora visto pela última vez, o homem caminhou entre um campo cultivado e a pedreira. A certa altura, ele teria pulado uma cerca com placas de passagem proibida e dois fios de arame farpado por cima ou encontrado uma das aberturas onde a cerca fora derrubada

OS ANDARILHOS

Incapazes de filtrar distrações e sujeitas a excesso de estímulos, as crianças autistas não gostam de grupos nem de ambientes barulhentos. Caso se vejam num lugar assim, é provável que saiam correndo.

“Em geral, a criança autista que sai andando está no lado grave do espectro”, diz Lori McIlwain, mãe de Connor – menino autista de 12 anos – e diretora executiva da Associação Nacional de Autismo dos Estados Unidos. Connor fugiu da escola nove vezes. “As crianças autistas não nos dizem ‘Ei, o sol está me incomodando!’, ‘Quero dar uma olhada naquela piscina’ nem ‘Vou experimentar aquele balanço’.” Ela estima que duas de cada cinco crianças autistas se perderão em algum momento.

por árvores caídas. O homem não disse. Seja como for, ele continuou pelo mato até os fundos da pedreira e andou com dificuldade pela terra fofa e cinzenta, chegando a uma cavidade imensa e profunda. Examinou a paisagem lunar erodida e cheia de cascalho. Lá, perto de um precipício, numa vala úmida e funda, viu um corpo deitado de lado, encolhido na posição fetal.

O homem encontrou Robert vestido do mesmo jeito de quando desapareceu, com exceção dos sapatos. O menino estava com frio e apavorado. As mãos e os pés se achavam roxos e inchados. Ele fora atacado por insetos e aranhas e estava infestado de carrapatos e bichos-de-pé. Tinha o corpo coberto de sujeira, hematomas e arranhões, a cabeça esfolada. Mas estava alerta. O homem tirou o gorro e o pôs na cabeça do menino. Calçou suas luvas novas nas mãos inchadas do garoto e o enrolou no casaco que acabara de comprar. Deu um pouco d'água a Robert, que a engoliu avidamente. Depois, ligou para o número de emergência.

Logo, vários homens formaram uma fila e tiraram o menino da vala, passando-o de mão em mão, até onde a maca esperava. Robert foi levado de helicóptero para o hospital, em condições estáveis. Naquela noite, seu estado foi considerado bom.

Assim que foi informada de que Robert estava vivo e bem, Barbara Locker gritou. Quando viu o carro de um xerife vir a toda e soube que Robert fora encontrado, Norma Jean

Williams caiu de joelhos. “Achei que ele vinha me contar que o meu neto estava morto”, diz ela. E, quando os voluntários foram chamados de volta à base e receberam a boa notícia, foram ouvidos gritos de alegria, seguidos de abraços e lágrimas.

ROBERT ESTÁ de volta à casa com a mãe e à escola. Ainda não consegue dizer onde ficou durante todo aquele tempo nem o que fez. Agora, ele e Ryan usam transmissores nos tornozelos para enviar sinais que possam ser rastreados pelas autoridades.

Mas Robert também mudou. “Agora podemos tocá-lo. Podemos pegá-lo no colo”, diz a avó. “Antes, ele nunca deixava. Quando lhe peço um beijo, ele me beija. E não foge mais como antes.”

O homem que encontrou Robert insiste em permanecer no anonimato e não quer receber os créditos de tê-lo encontrado. Em vez disso, fez a seguinte declaração: “Fui guiado pelo Espírito Santo. Aceitar o reconhecimento por encontrar Robert tiraria o crédito de Deus.”

Outro mistério foi como Robert foi além das probabilidades e, durante cinco dias, escapou de várias buscas na área onde acabou sendo encontrado. “Uma dúzia de cães na área... Ainda estou perplexo”, diz Scott Forbes, da equipe de buscas.

A única explicação é que, sempre que ouvia alguém por perto, Robert corria e se escondia. E ele era muito bom nisso. ■